

UMA NOVA CASA

Carol Bensimon

Tenho certeza que ela é uma boa pessoa, pois está em Uganda adotando duas crianças. O processo pode levar até dois anos, e cada criança custa 14.500 dólares. É preciso viver no país pelo tempo que a burocracia durar (estimativa de despesas adicionais, segundo o site do Programa de Adoção de Uganda: 22 mil dólares).

Angelica está na África há dezesseis meses. Entro no Facebook para bisbilhotar. Não peço amizade. Ela é loira com *dreads*, as sobrelhas estreitas e curtas, uma cara de boneca de cera. Tirou uma foto de uma barata e perguntou se alguém estava tendo aquele mesmo problema em Jinja, mas eu não me impressionei, mesmo com a caneta bic ao lado do inseto morto a título de proporção; sou do Brasil, conheço baratas.

“Quero tanto ir para casa”, Angelica escreveu doze dias atrás. “Estou cansada das coceiras, das infecções, da malária, dos parasitas. Aqui é um lugar onde a yoga é considerada adoração do demônio, e pão branco e Cheetos são comidas saudáveis. Sei que tudo isso está determinado na minha linha da vida, mas, às vezes, é simplesmente difícil demais.”

Ainda não tive tempo de abrir minhas caixas e colocar as coisas em ordem. Angelica disse que a casa estaria limpa, mas encontro pelos de gato por tudo e uma bola azul com um guizo embaixo do sofá. A antiga locatária também deixou para trás um pacote de Oreo. Coloco os biscoitos e o brinquedo de gato no lixo, depois sento para trabalhar.

Uma única chamada durante toda a manhã: em algum lugar do Massachusetts, um brasileiro motorista de Uber bateu o carro. Ele me passa seus dados em português e eu os repito em inglês para o homem da seguradora. Parece que está chorando. Então começa a falar diretamente comigo: “Moça, não posso ficar sem trabalhar. Tenho dois filhos e minha mulher limpa quarto de hotel”. “O que ele disse?”, pergunta o homem da seguradora. “O senhor Moreira quer saber quanto tempo vai levar o conserto do carro.”

Nunca sei como terminam as histórias. Faz parte do trabalho. Não sei as sentenças que vêm depois dos depoimentos, se o emprego ainda está lá quando os carros voltam da oficina, se recebem alta ou se morrem os pacientes que estão nos hospitais.

De vez em quando, olho para a casa grande. É a única coisa que vejo da janela, além das árvores da floresta. Enquanto Angelica não volta de Uganda com as duas meninas, Jesse, seu filho biológico, e Emily, a

namorada, estão morando lá. Batem um dia na minha porta. São tão bonitos que chega a doer, uns oito ou dez anos mais novos do que eu, com aquele otimismo reluzente de quem ainda tem muitas opções. Emily é garçõete no restaurante mais caro da cidade, mas isso parece apenas provisório. Jesse trabalha curtindo couro com técnicas artesanais. Me convidam para jantar. “Adorei sua pantufa”, digo a Emily. “Ah, eu amo elas. São da Dinamarca. Lã de verdade.”

Sou daquele tipo que está nas estatísticas: compro coisas durante a madrugada. Já comprei uma máscara aborígine, um cortador de abacate, luzes de emergência e um pacote de videoaulas sobre jardinagem. Depois de ver Emily e Jesse pela primeira vez, compro as pantufas dela. Idênticas. Azul é sempre a cor mais bonita.

Jantar na casa grande. Jesse me mostra uma pele de raposa, e eu tento não parecer surpresa enquanto encaro aquele animal achatado, sem olhos, a cauda balançando nas mãos dele. Emily e Jesse se conheceram porque levavam crianças para acampar. Eu os imagino dentro de uma barraca, tentando não fazer barulho demais. Acabo me sentindo envergonhada quando tenho que dizer que trabalho na frente do computador, mas Emily parece achar isso incrível, “você tem um mestrado em linguística, uau”. Quando conta que tirou uma menina de dentro de um rio, toca na minha perna. Ganhou por conta do salvamento algum tipo de medalha e uma carta assinada pelo governador Arnold Schwarzenegger. Na despedida, Jesse olha para meus pés. “Você comprou as pantufas!”

“Esse lugar está cheio de gente interessante”, digo para minha mãe pelo Skype no dia seguinte. “Você tá chamando arrancar a pele de animais de ‘coisa interessante’?” “Uma conexão com a natureza”, digo. “Faz sentido se mudar pra um país de Primeiro Mundo e ficar amiga de gente tão primitiva?”

Às vezes, conversamos no pátio. Um dia, eles tomam café aqui. Gosto de ver Jesse trabalhar na horta e Emily sair para o restaurante por volta das quatro. São tão bonitos que é quase uma obrigação ficar olhando.

Recebo uma chamada de um hospital em Cleveland e preciso explicar um quadro de pneumonia para um português que tem dificuldade de entender meu sotaque brasileiro, mas, durante dois dias, esse é o único trabalho que tenho. Quando comento sobre minhas dificuldades financeiras com Emily, ela me diz que eles decidiram alugar parte da casa grande pelo Airbnb, será que eu não me interessaria em “cuidar” disso?

Começo a ver aqueles turistas chegando e indo embora, mas sempre sem encontrá-los. Gosto de esvaziar as latas de lixo, e as histórias são todas muito parecidas: chocolate, vinho, comida pronta. Troco os lençóis, limpo o banheiro, tiro as aranhas do chuveiro, sem matá-las, porque sei que aranhas podem ser tão prejudiciais na avaliação dos hóspedes quanto os cabelos de um estranho no ralo. Mas o que mais gosto é de ter livre acesso à casa grande, examinar as galhadas penduradas sobre a lareira, usar a cozinha ampla para lavar xícaras e copos, experimentar as roupas de Emily e de Jesse quando eles não estão.

O verão inteiro é um ponto de equilíbrio perfeito, mas, no início do outono, Angelica chega de Uganda com as duas meninas. Vejo movimentação no jardim durante toda a semana. As crianças usam vestidos cor-de-rosa e fazem buracos na horta. Angelica não vem se apresentar. “Desculpa mesmo”, diz a mensagem que recebo de Emily, “como você pode imaginar, não vamos mais alugar aquela parte da casa no Airbnb. E Jesse e eu nem sabemos onde a gente vai viver daqui pra frente! Tantas mudanças!” Então Angelica compra um galo.

O canto de um galo atinge 130 decibéis. Isso é o mesmo que ouvir um jato decolando a 15 metros de distância. Cientistas descobriram que, quando o bico de um galo se abre, o tecido mole cobre a metade do seu tímpano, enquanto um quarto do canal auditivo se fecha. É assim que um galo evita ficar surdo, mas isso não diz rigorosamente nada sobre quem vive há dez metros de um galinheiro.

Esse específico galo canta o tempo todo. Começa às cinco da manhã, muito antes de o sol nascer, e continua ao longo do dia, emendando uns quatro ou cinco cantos do tipo decolagem de jato, de maneira que fico sempre esperando o próximo. E o próximo. E o próximo.

Quatro dias sem dormir direito. Às dez da manhã da quinta-feira, vejo que Angelica está no jardim e vou falar com ela pela primeira vez. Tem um sorriso estranho de quem parece estar debochando do interlocutor. Jesse havia estendido umas peles no gramado e as mostrava às meninas, mas, quando começo a falar com a mãe dele, ele enrola as peles e se retira, o tempo todo com a cabeça baixa. “Uma pena a gente se conhecer nesta situação”, digo a Angelica, “mas estou tendo problemas com o galo.”

“Ah, o galo. Desculpa, mas essa é uma terra produtiva. Em Uganda, há galos o dia inteiro e latidos de cachorro e música.”

“Achei que você tava cansada de Uganda.”

“O quê?”

“Será que a gente não poderia chegar a alguma solução boa para nós duas? Eu trabalho em casa, às vezes é difícil eu me concentrar. De repente

“você poderia instalar o galinheiro um pouco mais longe do meu quarto.”

“Mover o galinheiro?” Ela me olha como se eu fosse uma idiota. “Você já tentou tampões de ouvido?”

Emily e Jesse vão embora sem dizer tchau, com o carro cheio de tralha.

Ainda que eu não tenha vindo até o meio do nada para usar tampões de ouvido, compro na internet uns especiais para canais auditivos pequenos, que acho que é o caso dos meus canais, uma vez que sou, em geral, bem pequena. Os tampões não adiantam coisa nenhuma e eu continuo dormindo pouco. Queria ter um tecido mole que cobrisse meu tímpano. Durante o dia, pareço estar sempre no fio da navalha. Para tentar organizar minha vida, vou até a cidade comprar um quadro de cortiça. Vejo Angelica no caixa da papelaria. Ela está dizendo para a dona: “Há uma enorme falta de espiritualidade, certo?” “Sim, exatamente”, responde a outra. “Uma época doente”, conclui Angelica. Passo por ela. Ela finge que não me vê.

Vou até o supermercado. De noite, enquanto vejo televisão, encho minha boca de Cheetos até que todo o contorno dos lábios fique laranja-cancerígeno. Repito isso até acabar o pacote. As luzes da casa grande estão acesas, primeiro as da sala de jantar, depois apenas o abajur do andar de cima, mas, perto das dez, finalmente, tudo fica escuro. Gostaria de dar pão branco e chocolate para as meninhas comerem. Cada um com os demônios que quiser. Saio da minha casa com uma lanterna e uma faca de cozinha. “Você não acha que eu tenha algum valor, que valha a pena conversar comigo”, digo para ninguém. “Acha que salvou aquelas crianças dos salgadinhos e das baratas”, eu digo. “Seus amigos do Facebook devem estar orgulhosos. Que pessoa sensacional! Na verdade, você odeia a pobreza. Você não é melhor que um conquistador europeu.”

Como eu desconfiava, o galo continua sozinho no galinheiro. Não há nem uma mísera galinha, nenhum ovo para o café da manhã nessa “terra tão produtiva”. Ele está dormindo. Bato com a faca na tela para despertá-lo. Um pobre de um galo tentando procriar, 130 decibéis de solidão. Abro a portinha e ele se encolhe no canto. Empunho a faca com a convicção de que ele sabe o que aquilo significa, então ele sai correndo naquele espaço apertado, esticando o pescoço cor de cobre. Tiro o galo de lá como tirava as aranhas do chuveiro quando ainda podia entrar na casa grande. Depois, com alguma dificuldade, empurro o galo para dentro da floresta.

Em casa, estou largando a faca e a lanterna no balcão da cozinha quando recebo uma chamada de trabalho. Atendo no terceiro toque. É madrugada em um centro de detenção do Texas. “Alô, tá me ouvindo?”, alguém diz em inglês. Um brasileiro acaba de chegar.